

# humanitas



Vol. LXII  
2010

todos os textos latinos (...) foram [afinal] vertidos para a língua portuguesa (...) a partir da edição *Damiani a Goes Equitis Lusitani Opuscvla quae in Hispania Illustrata continentur*. Conimbricae. Ex typographia academico-regia, MDCCLXXXI; ou ainda anunciar, no título, “Leitura *diplomática* e versão portuguesa” e apresentar, ao longo da obra, ora a “fixação do texto” de Miguel Pinto de Meneses, ora a “edição crítica” de Amadeu Torres, (os dois exímios latinistas chamados à colaboração com este projecto). O que se entende pois por leitura *diplomática*? Quais os critérios editoriais para esta “fixação do texto”? Ainda que existam respostas para estas questões, elas não se afiguram óbvias ao leitor, dada a aparente contradição entre as fontes de informação principais, como são a capa e a página do título, e os conteúdos apresentados ao longo do livro.

Da articulação interna das diversas partes do livro esperar-se-ia maior coerência, e da introdução a cada uma das obras apresentadas, maior clareza, de modo que o leitor ficasse rigorosamente informado da natureza de cada documento e respectiva proveniência. Quanto aos originais traduzidos, eles em nada desmerecem a elevada qualidade do trabalho de tradução, digno, aliás, de maior visibilidade, tendo em conta a actual escassez de leitores e tradutores de latim. Na verdade, o Dr. M. Pinto de Meneses ofereceu ao panorama editorial português a tradução do latim de diversas obras de particular interesse cultural, cuja publicação se tem devido, em parte, à generosa actividade impulsionadora de Manuel Cadafaz de Matos e do CEHLE.

MARGARIDA MIRANDA

*Obras de Damião de Góis*, Vol. II (1539-1540). O fascínio do Oriente e a aproximação à Europa do Norte. Fac-símile de cada edição deste período. Leitura diplomática e versão portuguesa por Miguel Pinto de Meneses. Edição, introdução e notas de Manuel Cadafaz de Matos. Apresentação de Amadeu Torres, Lisboa, Edições Távola Redonda, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (CEHLE) IX, 2006, vol.2, 566 pp. ISBN 972-9366-27-6.

Quatro anos depois do vol.1, saiu dos prelos o vol. 2 das *Obras de Damião de Góis* (1539-1540), com a chancela do Centro de Estudos de História do Livro e da Edição.

Cumpre-se assim, volume a volume, o desígnio celebrativo iniciado em 1502, com que se assinalou o V centenário natalício do humanista português “mais cosmopolita e multifacetado da era de quinhentos”, conjugando numa só obra colação textual, registo de fontes, fac-simile, tradução para vernáculo e abundante anotação histórico-filológica.

Tal como se procedeu no vol. I, antes das obras de Damião de Góis propriamente ditas (após uma Apresentação do volume por Amadeu Torres, e um estudo introdutório de Manuel Cadafaz de Matos) são publicados dois poemas dedicados a Damião de Góis, com fixação do texto latino e versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses: um epitalâmio pelo seu casamento com Joana van Hargen e um genetlácio pelo nascimento de seu filho Manuel (pp. 1-11).

A primeira obra de Damião de Góis publicada neste volume são os *Commentarii Rerum Gestarum in India*, cuja primeira edição, em 1539, em Lovaina, se deveu a Rutgerus Rescius. Mais uma vez, no entanto, o leitor tem que retomar certas questões, já presentes no vol.I, para as quais as respostas não são óbvias. Se o título do presente volume anuncia não já o *fac-simile de cada edição princeps deste período* (como no vol. I) mas apenas o *fac-simile de cada edição deste período (1539-40)*, e, no mesmo sentido, o autor da introdução confirma explicitamente, na pág. xiv, a publicação da obra de 1539 em fac-simile, não é claro para o leitor que na p. 15 surja não um mas dois títulos: “*Commentarii Rerum Gestarum in India (...)* Lovaina, ex officina Rutgerii Rescij, 1539”, seguido de “Nova edição: *Diensis nobilissimae Carmaniae sev Cambaiae vrbis oppugnatio*. Lovaina, ex officina Rutgerii Rescij, 1544 (inserida na edição dos *Opuscula*)”

Mereceria também alguma explicação o título da p. 27 “*Diensis nobilissimae Carmaniae sev Cambaiae vrbis oppugnatio (1539)*, Lovaina, 1544. Fac-simile”. Neste caso, parece tratar-se afinal, não de um fac-simile de cada *edição* deste período (1539-1540) mas antes de cada *obra* deste período, já que se apresenta uma edição de 1544 de uma obra que é de 1539. A perplexidade, porém, mantém-se quando lemos, na 1ª nota de rodapé da p. 73, que o texto latino da edição bilingue (pp. 73-144) não é o da edição de 1539 nem de 1544 mas sim de 1791. Enquanto no título daquela página se lê “Texto latino e versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses”, a nota de rodapé informa que o texto latino foi “fixado pelo impressor da tipografia da Universidade de Coimbra em 1791” e “seguido pelo Dr. Pinto de Meneses na sua tradução”. Além desta contradição, o leitor é informado de que “por [aquele texto de 1791] apresentar (...) diversas *nuances* que

não constam da edição *princeps* respectiva, de 1539, (...) apresenta-se aqui, também, o texto em fac-simile da aludida primeira edição quinhentista desta obra de Damião de Góis”. Qual é afinal o texto editado, pergunta-se. E a que é que correspondem essas *nuances*? Se a introdução e as notas se destinavam a esclarecer o leitor sobre o propósito e a natureza da edição, dificilmente elas cumprem esse objectivo.

No final da edição bilingue dos *Commentarii*, ou seja da *Diensis... oppugnatio* encontra-se um pequeno estudo de M. Cadafaz de Matos intitulado “Em torno da pequena obra de Damião de Góis *De rebus et Imperio Lusitanorum ad Paulum Jovium disceptatiuncula* (1539): algumas questões colaterais e outras a considerar”, cuja utilidade aumentaria se aparecesse antes do fac-simile, juntamente com a respectiva introdução, e não depois. Assinale-se, no entanto, o seu curioso interesse científico e relevante interesse bibliográfico, como, de modo geral, de todos os trabalhos de M. Cadafaz de Matos.

De Damião de Góis, seguem-se, nas pp. 159-417, o pequeno tratado *Fides, Religio, Moresque Aethiopum*, sobre a fé, religião e costumes dos Etíopes (Lovaina, 1540) bem como a *Deploratio Lappianae gentis* (pp. 445-475), sobre a cristianização na Suécia e na Lapónia, que o humanista incluiu na última parte de *Fides, Religio Moresque Aethiopum* mas que aqui recebeu tratamento individualizado. Uma e outra obra vêm acompanhadas da edição (e tradução) de outros textos considerados fontes para a respectiva produção, bem como de estudos científicos sobre os seus antecedentes históricos e a acção política externa de D. Manuel, todos eles ilustrados com variadíssimas imagens, seja de livros, seja de mapas, retratos e gravuras da época.

De ambas se dá a público o fac-simile da edição *princeps*, de 1540, seguido da edição bilingue com a meritória versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses. Como é indicado pelo director do projecto (pp. 253 e 455), o texto latino da edição bilingue segue, uma vez mais, a edição da Universidade de Coimbra de 1791, *Damiani a Goes Equitis Lusitani Opuscula quae in Hispania Illustrata continentur*.

Fica assim por esclarecer qual é a edição diplomática anunciada (no título do volume e na p. 157), visto que, nas edições bilingues, Miguel Pinto de Meneses, além de autor da versão portuguesa, é apresentado como autor da fixação do texto latino. De facto, se Pinto de Meneses se baseou na edição setecentista da Universidade de Coimbra (que por sua vez reproduzia a *Hispania Illustrata*, de 1603), isso não o impediu de proceder (em boa

hora) às necessárias correcções textuais, quer por via da tradução quer da fixação do texto latino, poupando pelo menos o leitor à arbitrariedade da grafia quinhentista.

Ressalvadas estas questões, é da mais elementar justiça frisar a importância deste projecto editorial, no seu conjunto, para o conhecimento da obra literária e historiográfica de Damião de Góis. Todos poderemos assim dispor de acesso a um vasto conjunto de fontes da História de Portugal e da Europa, tornadas cada vez mais raras e incompreensíveis, e por isso subestimadas por certos historiadores que, como escreveu Amadeu Torres, se encostam a juízos alheios. Essa mercê é devida à erudição e magnanimidade do Prof. Cadafaz de Matos.

MARGARIDA MIRANDA

ORAZIO, *Tutte le Opere, Odi, Epodi, Carme secolare, Satire, Epistole, Arte poetica*, a cura di Abbate, Mario Scaffidi, Ghiotto, Renato e Abbate, M. S. trads., Testo latino a fronte Edizione integrale, Grandi Tascabili Economici Newton, Roma, 2006, (1ª ed. 1992) 511 pp., ISBN 88-8289-702-8

Este volume propõe-se reunir toda a produção poética de Horácio, figura grada das letras latinas e da cultura ocidental, numa edição acessível, destinada ao grande público. O seu promotor, Mario Scaffidi Abbate, é um nome popular no meio intelectual e culto italiano, poeta, até há pouco director da revista *Cultura*, conhecido pela sua facilidade de comunicação, diversidade de interesses e capacidade de tornar próximos, em linguagem renovada, os produtos maiores da cultura clássica. Assim, na mesma editora, foram dadas a conhecer as suas traduções da *Eneida*, as *Comédias* de Terêncio, diversos tratados de Séneca e de Plutarco, bem como algumas *Vidas* deste último. Estamos, pois, perante um autor e tradutor que tem assumido a tarefa de divulgar e de actualizar, de um modo explicitamente despretensioso, o interesse pelos autores clássicos, em particular naquilo que estes podem oferecer como mais-valias estéticas e literárias, mas também ideológicas, pedagógicas e morais, para a sociedade e a cultura contemporâneas.

O conteúdo, não obstante a aparência modesta da edição, é exaustivo: uma introdução, da autoria de Renato Ghiotto (pp. 7-15), traça uma panorâmica sobre os aspectos mais relevantes da vida de Horácio e apresenta